



Grupo de Estudos em Análise de Discurso e Ensino de Línguas

## APRESENTAÇÃO

### Diversidade e constituição de pesquisas na área de/da(s) Letras: contradições e inter-relações

*Diversity and constitution of research in Letters: contradictions and interrelations*

#### **Contranarciso**

em mim  
eu vejo  
o outro  
e outro  
enfim dezenas  
trens passando  
vagões cheios de gente centenas

o outro  
que há em mim é você  
você  
e você

assim como  
eu estou em você  
eu estou nele  
em nós  
e só quando  
estamos em nós  
estamos em paz  
mesmo que estejamos a sós

Paulo Leminsky (2013)

Neste volume da revista GEADEL, entendemos que iniciá-lo com o poema Contranarciso de Paulo Leminsky se faz necessário. Nos versos “em mim/eu vejo/o outro/e outro/enfim dezenas/trens passando/vagões cheios de gente centenas” construímos um sentido de postura de que formamos um

“nosotros”. O termo *nosotros*, aqui abordado, aproxima da compreensão apresentada por Roig (2009) para quem todo “eu” é um + os outros, ou seja, um *nosotros*” Essa linha de compreensão, tecida por meio de Contranarciso, constrói-se a partir de diferentes possibilidades de sentidos que as artes literárias podem oferecer ao leitor, que, dialogicamente, o texto, sem o próprio leitor, não existe (MARCUSCHI, 2008), o que mostra a impossibilidade de textos e sujeitos andarem sozinhos, individualmente.

Narciso, um dos diferentes e complexos personagens mitológicos gregos, é dissecado, desconstruído e, por extensão, externado pelo eu-lírico leminskyano. Narciso, no poema, mostra-se impreciso, porque a sua constituição, que levaria a uma compreensão do sujeito único, individual – o que leva ao sujeito narcísico – é inverossimilhante; a inverossimilhança, por conseguinte, não impede a existência das individualidades, pois elas “assim como/eu estou em você/eu estou nele/em nós/e só quando/estamos em nós/estamos em paz/mesmo que estejamos a sós”. As individualidades são, contraditoriamente, múltiplas; os modelos de ciência oitocentistas não trabalham, ou procuraram não enxergar, as contradições próprias das produções dos sujeitos, cujas língua(gens) são a base da produção. O não narcisismo pregado no poema de Leminsky contradiz a lógica positivo-renascentista de modelos científicos baseados em concepções greco-latinas de sujeito.

A necessidade de se apresentar, por meio de um poema que, em si, retrata a necessidade de compreender a diversidade como força motriz da constituição humana abre-nos o caminho para se pensar que, assim como a formação do sujeito, a produção científica, na área da(s) Letras, também é diversa e vem se mostrando como tal ao longo da contemporaneidade, sobretudo após o delineamento de correntes de pensamento como a Linguística Aplicada Crítica ou *transgressiva* (PENNYCOOK, 2006) que, dentre outros objetivos, propõe a prática, subsidiada por uma ação política efetivamente concreta, para a resolução de “problemas” advindos de empirias/posturas/ações sociais fundamentalmente permeadas pelas língua(gens) e que refletem intenções.

A diversidade, como um elemento contrário de qualquer atitude narcísica, que se apresenta como uma possibilidade de se conhecer o(s) outro(s) nos remete a pensar novas posturas de se compreender e, por conseguinte, possibilidades de agir diante da pesquisa linguística que se faz diversa e, como tal, desafios para a interpretação das língua(gens). De acordo com Neto (2008), a Linguística, bem como outras áreas do conhecimento, é passível de terem seus pressupostos tradicionais questionados, pois as ciências são repletas de “problemas filosóficos”:

A Linguística é uma área de estudos particularmente rica em problemas filosóficos. O fato de ser a linguagem ligada intimamente a tudo que é humano faz com que quase todos os problemas filosóficos encontrados nas ciências sociais e na psicologia também possam ser encontrados na linguística. Não é de se estranhar que muitas das subáreas da linguística recebam nomes indicativos de suas relações

com as ciências sociais: sociolinguística, psicolinguística, linguística antropológica, etc. Ao mesmo tempo, subáreas da linguística mantêm relações com as ciências da vida, como a neurolinguística, ou mesmo com a física, como a fonética acústica. Da mesma forma, também os problemas filosóficos das ciências formais estão presentes na linguística, se pensarmos que a sintaxe e a semântica formais, em parte, trabalham segundo os procedimentos da lógica e da matemática. Muitas vezes, os limites entre a filosofia e a linguística se tornam tão imprecisos que fica difícil saber quando estamos fazendo uma ou outra (NETO, 2008, p. 19).

A possibilidade de se pensar que a Linguística pode requerer, de outras áreas, ajuda para compreender elementos das língua(gens), algo que a Linguística Aplicada Crítica (RAJAGOPALAN, 2006) já vem entendendo há tempos, é algo a se salutar no excerto de Neto acima. No trecho do autor, vemos que o debate tecido sobre as aberturas, citadas por Neto como “problemas filosóficos”, para a revisão de paradigmas na Linguística pode ser um espaço de discussão que promova o diálogo entre posturas linguísticas tradicionais – como as concepções tradicionais de linguagem – e aquelas que são desenvolvidas por grupos sociais excluídos e minorizados.

Para o autor indígena Ailton Krenak, a diversidade que como nos mostra Leminsky no poema *Contranarciso*, é um elemento importante da constituição humana, mas foi substituída, historicamente, por construções discursivas colonialistas que tentam dirimir as diversidades presentes nos espaços sociais:

A ideia de que os brancos europeus podiam sair colonizando o resto do mundo estava sustentada na premissa de que havia uma humanidade esclarecida que precisava ir ao encontro da humanidade obscurecida, trazendo-a para essa luz incrível. Esse chamado para o seio da civilização sempre foi justificado pela noção de que existe um jeito de estar aqui na Terra, uma certa verdade, ou uma concepção de verdade, que guiou muitas das escolhas feitas em diferentes períodos da história. Agora, no começo do século XXI, algumas colaborações entre pensadores com visões distintas originadas em diferentes culturas possibilitam uma crítica dessa ideia. Somos mesmo uma humanidade?” (KRENAK, 2019, p. 8)

Como nos mostra Krenak, a diversidade das práticas sociais de povos “não esclarecidos” ou de “sociedades obscurecidas” se delinearam a partir de um ideal de sujeito e de ciência. Nos estudos linguísticos, a proposta de ciência delineada em séculos anteriores ao século XX foram primordiais para se criar uma proposta de língua, fundamentada, em um viés conceitual moderno antropocêntrico de sujeito, negando as epistemologias constituídas na relação de “comunicação cósmica” entre seres potenciais (BANIWA, 2017, p. 42). Nesse ínterim, diferentemente de uma postura tradicional de análise linguística – que entendemos como modelos teóricos que fazem uma separação tácita entre sujeito e língua – a contemporaneidade mostra que os sujeitos estão promovendo diferentes ações – algumas delas baseadas no etnocentrismo e na negação do outro – que requerem novos olhares, particularmente, sobre o que os pesquisadores/cientistas da área de(da)s Letras estendem, atualmente, por língua(gens) e como abrem espaços para concepções epistemológicas historicamente excluídas (SOUSA SANTOS; MENESES, 2010).

Os estudos linguísticos tradicionais, no afã pela reflexão de construtos ideologicamente vistos como elementos sistemáticos e, portanto, pudessem ser “dominados” pelos cientistas (DERRIDA, 1973, 1995), excluíram posturas outras que delineiam, conseqüentemente, ações outras sobre/com as língua(gens). Além disso, povos, comunidades, grupos etc., de diferentes partes do mundo, entendidos como não evoluídos, sobretudo africanos, asiáticos e americanos – e toda a produção cultural era vista como não evoluída – tiveram suas diferentes existências renegadas e forçadas a entrarem em contato com as diferentes ações colonizadoras, o que provocou, além das violências, matanças, genocídios, subserviências, diferentes maneiras de minorização etc.

Diante desse contexto, novas formas de ser/existir e; o contato forçado produz/produziu, por exemplo, espaços em que indígenas (des)construam suas identidades agindo socialmente por meio de suas diferentes línguas, como também em português, espanhol, inglês, francês etc. e, inclusive, em línguas de sinais desenvolvidas em comunidades indígenas. Aliado a esse aspecto, o contato com o colonizador obrigou os povos indígenas a usar formas de escrita, com base em um sistema alfabético, e, atualmente, como nos mostra Pesca; Fernandes; Kayapó (2020), diferentes sujeitos indígenas sentem necessidade de “dominar” a escrita, todavia, como apontam os autores, dialogam com as oralidades ancestrais e com os diferentes traços culturais, o que, para esses pesquisadores, refletiriam estados de autoria indígena:

As mudanças contextuais que levam à necessidade de que diferentes elementos sejam inseridos com vias de fortalecimento, não apagam e nem desconsideram o valor de elementos importantes da cultura tradicional. Desse modo, pensarmos a escrita como instrumento desse diálogo, não é colocá-la acima da oralidade, uma vez que reconhecemos que esta última é marca ancestral e precisa continuar ocupando seu lugar de valorização. Assim, trazer a escrita para o centro dessa discussão é aliá-la também à linguagem oral, equacionando novas perspectivas que acolhem a voz já existente de um povo por muito tempo silenciado, cujas vozes eram sempre trazidas por outrem. A escrita, ainda que considerada um forma de linguagem que culturalmente não pertence aos povos originários, foi inserida na realidade desses povos de maneira arbitrária e hoje se tornou, inclusive, um grande desafio dominá-la bem. Desse modo, considerar que essa escrita seja também uma forma de autonomia propõe novos caminhos de resistência. Não se trata apenas do registro do povo pelo povo, mas de que essas vozes antes silenciadas possam agora falar por si mesmas também através da escrita, reelaborando a forma como muitas vezes a história foi disseminada e protagonizando espaços de fala que não lhes pertenciam.” (PESCA; FERNANDES; KAYAPÓ, 2020, p. 188)

A perspectiva de autoria indígena e que, portanto, nos leva a pensar sobre a escrita indígena, pode ser relacionada ao papel que as língua(gens), consideradas por pertencentes de religiões afro-brasileiras como africanas, estritamente relacionadas às oralidades, têm com a escrita em contexto de religiões de matriz africana como o candomblé. Em pesquisa realizada em um terreiro de candomblé no Acre, Oliveira; Souza (2016) discutem como os terreiros de candomblé, com base em suas pesquisas realizadas sobre a produção linguística em espaços candomblecistas acreanos, aliam traços das oralidades, entendidas, tradicionalmente,

como as detentoras dos segredos das divindades afro-brasileiras e das ancestralidades africanas (CASTILHO, 2010, CAPONE, 2009), com as diferentes formas de escrita, resultantes das necessidades criadas pelas contemporaneidades (OLIVEIRA; SOUZA, 2016, SOUZA; OLIVIERA, 2017).

Nesse sentido, pesquisas em espaços, inclusive dando destaque para os seres visíveis e invisíveis que são considerados pelos sujeitos participantes desses ambientes de socializações e que utilizam as língua(gens) para tecer diálogos diversos – que foram/são negligenciados pelas ideologias científicas dominantes – podem mostrar outras possibilidades de conhecimentos e diversas relações entre os sujeitos, seus conhecimentos e as diferentes necessidades sociais que são sanadas pelo uso da escrita; assim como a produção escolar de textos orais e escritos por alunos indígenas em contextos urbanos ou não urbanos (SOUZA; PADILHA, 2016) ou por alunos não indígenas, principalmente os de baixa renda e que moram nas periferias dos grandes centros e em espaços rurais, a partir de seus conhecimentos de mundo (ROCHA; SOUZA, 2020).

Alia-se a esse aspecto, a produção/pesquisa de sujeitos surdos que, embora muitas vezes, desconheçam a norma escrita do português, utilizam a escrita com uma lógica própria, atendendo às suas necessidades de socialização, tanto com outros surdos, bem como com sujeitos “ouvintes”. Sobre essa última produção, pouco se está falando nos meios acadêmicos, já que, muitas vezes, os textos de alunos surdos são vistos somente pelo viés das práticas metodológicas de alfabetização, o que pode, inclusive, invisibilizar a produção do sujeito produtor de textos e seus traços de autoria serem dirimidos pela ideologia do erro.

Desse modo, os sujeitos, as sociedades e as língua(gens) que os permeiam e reproduzem as suas intenções estão, a cada dia, mais complexos, híbridos, atravessados, liquefeitos (BAUMAN, 2017) e, por isso, requerem um olhar não essencialista, o que pressupõem práticas científicas não essencialistas. A partir disso, perguntamos: Será que nós, cientistas da língua(gens), estamos refletindo sobre os diferentes meandros advindos das ações sociais permeadas pelas práticas languageiras? Estamos cientes de que, tradicionalmente, a área de/da(s) Letras seguiu paradigmas epistemológicos fundamentados em uma perspectiva europeizante de sujeito e, conseqüentemente, em uma visão histórica, fundamentada em um viés greco-latino, de pensamento e de o que se entende por ciência? Quais alternativas – à maneira de Boaventura de Sousa Santos e Maria Paula Meneses – os cientistas da área de/da(s) Letras estão desenvolvendo – e se é que estão – posturas de reflexão sobre outras maneiras de escritas (PESCA; FERNANDES; KAYAPÓ, 2020), outras formas de estar no mundo por meio das oralidades, diferentes formas de existir por meio das performances corporais e, sobretudo, outras possibilidades de se relacionar, inclusive, com o não visível – à maneira do que propõe Gersem Baniwa e Ailton Krenak?

A nossa relação com o invisível, com aquilo que não é possível de se identificar empiricamente, pode não ser devidamente interpretado por epistemologias que consideram somente a ação de dominação do homem sobre a natureza como posturas científicas. Os pesquisadores indígenas, dentre eles Baniwa e Krenak citados anteriormente, estritamente interconectados com suas ancestralidades, produtores de conhecimento por meio de língua(gens) atravessadas por outras e, em demasia, preocupados com a inserção das reflexões de seus povos no debate acadêmico e não acadêmico, mostram que a ciência moderna não atende às suas maneiras de ser e existir. Nesse sentido, as perguntas – retóricas precisamos afirmar – para as quais não temos respostas prontas e fechadas, mas que instigam, a nosso ver, possibilidades de (re)ver práticas de pesquisa que obrigam novas posturas diante de ditames científicos racionalistas.

Essas novas posturas, aos poucos, têm se firmado na área das ciências humanas e, em especial, na de Letras. Ainda que timidamente, a linguística de viés crítico tem proporcionado uma disruptura com esse modo colonizador de pensar o sujeito. Na cartografia suleada de Santos (2018), é preciso ocorrer uma profunda reflexão/ação/transformação sobre o que fazemos enquanto educadores/pesquisadores. Ao insistirmos em manter uma versão hegemônica, única de saber(es) e de língua(gens), deslegitimamos a ideia de alternativas globais e a vontade coletiva de se lutar por elas. É na vontade coletiva que tomamos consciência de que precisamos ter maior disponibilidade para compreender e abordar os problemas fundamentais da sociedade. Para isso, devemos radicalizar os espaços de democracia e valorizar a diversidade epistemológica do mundo para defender a desobediência linguística como possibilidades de desensurdecer, desinvisibilizar, compartilhar e rizomatizar conhecimentos (SÜSSEKIND; COUBE, 2020, p. 59).

Ao questionarmos, especialmente, o que os cientistas das áreas de Letras desenvolvem em suas pesquisas e docência, a pertinência se revela justamente na necessidade de compreendermos o mundo que se vive em diferentes lentes teóricas, adotando uma postura inter-trans-IN-disciplinar (MOITA LOPES, 2006; CELANI, 1998) conectados com o uso da língua/linguagens como organismo vivo, campo movediço, instável, transgressivo (PENNYCOOK, 2006) na busca de compreender o porquê determinadas falas/pesquisas são legitimadas e outras não.

Ao enveredar pelos estudos transgressivos é preciso ressignificar o ensino e a aprendizagem e estar sempre aberto para a desaprendizagem (FABRÍCIO, 2006). Assim exposto, ao procurarmos desenvolver e responder as inquietações do mundo social – dos índios, surdos, pobres, negros, LGBTQUIA+, dentre outros – o prefixo TRANS- , de transformação relaciona conceitos como o de translocalização na forma de pensar a inter-relação existente glocal (KUMARAVADIVELU, 2006); a transmodalidade, como modo de ver/pensar a(s) cultura(s) e como os processos de inter(ação) permitem a inegável fluidez entre os sujeitos; a transmodalidade, na percepção de que o uso das linguagens significam dentro de múltiplas semioses; a

transtextualização, no entendimento de que os signos atravessam os contextos, a história e, mais uma vez, entendendo que essa TRANS-formação é um ato de mudança constante na direção de atravessar as fronteiras, os muros na direção de entender todos os modos e significados e de interpretação (PENNYCOOK, 2006). Esse fazer linguística transgressivo requer uma total virada linguística e performática.

Perguntas sobre as mais diversas práticas languageiras usadas na sociedade traz uma reflexão pertinente sobre como atuamos na preservação do colonialismo. Ribeiro (2017) argumenta não ser possível haver um amplo debate sobre qualquer projeto de sociedade se não enfrentarmos o modo pelo qual certas identidades são criadas e mantidas dentro da lógica colonial. É preciso entender como poder e identidades funcionam juntos a depender de seus contextos e como o colonialismo cria, deslegitima ou legitima certas identidades – dos negros, dos índios, dos surdos – para citar alguns, no argumento colonial de que brancos, por exemplo, falam, escrevem e pensam a coletividade e as diferenças, ou seja, “[...] ao persistirem na ideia de que são universais e falam por todos, insistem em falarem pelos outros, quando, na verdade, estão falando de si ao se julgarem universais”. (RIBEIRO, 2017, p. 20).

Ao olharmos para essa complexidade sobre como forjamos as nossas identidades (HALL 2006; RIBEIRO, 2017) e performances (PENNYCOOK, 2006) na relação com o outro e com o fazer científico, ao procurarmos enfrentar o momento de crise epistemológica entre as ciências humanas (Letras) e sociais, segundo Santos (2018), pode resultar não apenas na maior visibilidade dos problemas sociais fundamentais, como também nos permitir a nos (des)encontrar nos outros do não meu eu narciso.

Universidade Federal do Acre – UFAC, Rio Branco-AC, 27 de julho de 2021.

Shelton Lima de **SOUZA** (GEADEL/UFAC)<sup>1</sup>

Grassinete C. de A. **OLIVEIRA** (GEADEL/UFAC)<sup>2</sup>

Maristela Alves de Souza **DINIZ** (GEADEL/UFAC)<sup>3</sup>

Aline **KIELING** (GEADEL/UFAC)<sup>4</sup>

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Acre, Rio Branco, Acre, Brasil. Centro de Educação, Letras e Artes (CELA); ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4735-8531>; [shelton.linguista@gmail.com](mailto:shelton.linguista@gmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Federal do Acre, Rio Branco, Acre, Brasil. Centro de Educação, Letras e Artes (CELA); ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2765-8705>; [grassinete@hotmail.com](mailto:grassinete@hotmail.com)

<sup>3</sup> Universidade Federal do Acre, Rio Branco, Acre, Brasil. Centro de Educação, Letras e Artes (CELA); ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9841-3847>; [malvesdiniz1@gmail.com](mailto:malvesdiniz1@gmail.com)

<sup>4</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade da Universidade Federal do Acre e Bolsista CAPES Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5993-5834>; [alinekjuliano@gmail.com](mailto:alinekjuliano@gmail.com)



**Referências:**

BANIWA, Gersem. Língua, Educação e Interculturalidade na perspectiva indígena. **Revista de Educação Pública**, v. 26, n. 62, maio/agosto de 2017.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CAPONE, Stefânia. **A busca da África no candomblé: tradição e poder no Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

CASTILLO, Lisa Earl. **Entre a oralidade e a escrita: a etnografia nos candomblés da Bahia**. Salvador: Edufba, 2010.

DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

DERRIDA, Jacques. **Escritura e diferença**. São Paulo: Perspectiva, 1995.

FABRÍCIO, B. F. Linguística Aplicada como espaço de desaprendizagem. In: MOITA LOPES, L. P. da. (Org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. 2a ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p. 45-65.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. T. T. da SILVA e G. L. LOURO. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, [1992] 2006.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LEMINSKY, Paulo. **Toda Poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

KUMARAVADIVELU, B. A linguística aplicada na era da globalização. In: MOITA LOPES, L. P. (org.). **Por uma linguística aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

NETO, José Borges. *O que é Filosofia da Linguística?* (tradução e adaptação da introdução "What is the Philosophy of Science?") de HITCHCOCK, C. (ed). *Contemporary debates in Philosophy of Science*, Malden, MA: Blackwell, 2004, p. 1-19), 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

OLIVEIRA, Océlio Lima; SOUZA, Shelton Lima. A relação entre língua, nação e identidade no candomblé acreano. *Revista Tropos*, v. 5, n. 2, dezembro de 2016.

PENNYCOOK, Alastair. Uma linguística aplicada transgressiva. In. LOPES, Luiz Paulo Moita (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.



PESCA, Adriana Barbosa; FERNANDES, Alexandre Oliveira; KAYAPÓ, Edson. Por uma escrita indígena: eu ser, minha voz, minha autoria, **Revista Eletrônica Multidisciplinar Pindorama**, v. 11, n. 1, p. 187-201, jan-/jun, 2020.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Repensar o papel da linguística aplicada. In. LOPES, Luiz Paulo Moita (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

autoria, **Revista Eletrônica Multidisciplinar Pindorama**, v. 11, n. 1, p. 187-201, jan-/jun, 2020.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte (MG): Letramento: Justificando, 2017.

ROIG, A.A. Teoría y crítica del pensamiento latinoamericano. Una ventana, Buenos Aires, 2009.

ROCHA, Christia; SOUZA, Shelton. O gênero textual Memórias Literárias em uma escola da rede pública de ensino em Rio Branco/AC: experienciar no ensino e na aprendizagem de português como língua materna. **The Specialist**, v. 41, n. 5, 2020.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Construindo as Epistemologias do Sul: Antologia Esencial**. Volume

I: Para um pensamento alternativo de alternativas / Boaventura de Sousa Santos; compilado por Maria Paula Meneses... [et al.]. - 1a ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2018.

SOUSA SANTOS, Boaventura; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. 2 ed. São Paulo: Almedina, 2010.

SOUZA, S. L.; PADILHA, R. N. Aprendizagem de Português escrito por indígenas Jaminawa: dificuldades e estratégias facilitadoras. **Muiraquitã**, Rio Branco, v. 4, n. 2, 2016.

SOUZA, Shelton Lima; OLIVEIRA, Océlio Lima. “A escrita permite o acesso ao segredo?”: uma reflexão sobre a inter-relação entre oralidade e escrita em terreiros de candomblé. **Revista Tropos**, v. 6, n. 1, julho de 2017.

SÜSSEKIND, M. L.; COUBE, A. L. da S. Universidadescolas: deslocando linhas abissais. [Orgs.] MASTRELLA-DE-ANDRADE, M. R. **(De)Colonialidades na relação Escola-Universidade para a formação de professoras(es) de Línguas**. Campinas, SP : Pontes Editores, 2020.